

O CORPO VESTIDO NO CIBORGUE: A FUGA DA CATEGORIA DE GÊNERO NA OBRA DA ARCA

Vinícius Alves de Almeida

Graduando em Bacharelado em Têxtil e Moda pela Universidade de São Paulo.

vinibruv@usp.br

*Simpósio Temático ST 05 – ARTE, PROCESSOS DE CRIAÇÃO E DIVERSIDADE DE
GÊNERO*

RESUMO

O presente artigo versa sobre o corpo vestido ciborgue de Arca, artista venezuelana que apresenta estéticas pós-humanas. O propósito da artista e de sua produção se contemplam na subversão do próprio corpo e aparência, buscando a subjetivação de seus valores como intervenção no espaço virtual ou físico. Uma vez que a máquina e a tecnologia são dispositivos úteis na fabricação da existência, esse corpo pode ser entendido como ciborgue: a tecnologia e os mecanismos se tornam extensões do homem. O corpo ciborgue propõe novas narrativas em conjunto com o corpo vestido virtual, subjetivando a quebra com o padrão hegemônico. Arca representa, em sua estética, a subjetivação pós-humana, o corpo vestido subverte a existência totalmente biológica e invoca significados de um corpo ciborgue por excelência, sendo negada a existência do gênero, do sexo, de padrões e também do sistema da existência humana antropocêntrica. Os marcadores de gênero são confundidos no corpo vestido de Arca: utilizando a moda como tecnologia de gênero, ocorre a subversão estética dos signos binários de gênero em detrimento da máquina. O trabalho apresenta como metodologia a revisão bibliográfica de artigos e escritos pertinentes ao tema, e a análise de imagens

da artista, estruturadas de maneira analítica acerca da existência e dos desdobramentos do gênero no corpo ciborgue da Arca.

Palavras-chave: Gênero, Ciborgue, Corpo vestido, Máquina.

ABSTRACT

This article deals with the cyborg dress body of Arca, a Venezuelan artist who presents posthuman aesthetics. The purpose of the artist and her production are contemplated in the subversion of her own body and appearance, seeking the subjectivation of her values as an intervention in the virtual or physical space. Since machines and technology are useful devices in the manufacture of existence, this body can be understood as a cyborg: technology and mechanisms become extensions of man. The cyborg body proposes new narratives in conjunction with the virtual dress body, subjected to break with the hegemonic pattern. Arca represents in its aesthetics the posthuman subjectivation, the dressed body subverts the totally biological existence and invokes meanings of a cyborg body in excellence, being denied the existence of gender, sex, patterns and also the system of anthropocentric human existence. Gender markers are confused in Arca's dress body: using fashion as gender technology causes the aesthetic subversion of binary signs of gender to the detriment of the machine. The paper presents as a methodology bibliographic review of articles and writings pertinent to the theme, and analysis of images of the artist, analytically structured about the existence and unfolding of the genre in the cyborg body of the Arca.

Keywords: Gender, Cyborg, Body Dress, Machine.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um escopo do trabalho realizado no decorrer de uma iniciação científica no ano de 2019 pela Universidade de São Paulo.

A multiartista Arca, com sua obra, apresenta propostas inovadoras para o audiovisual, criando subjetividades ciborgue com sua estética robótica e suas músicas. O propósito dela se contempla na subversão do próprio corpo e da própria aparência, buscando a subjetivação de seus valores como intervenção, seja no espaço virtual, seja no físico.

No contemporâneo, urge a busca de uma identidade estética apta também ao mundo virtual, pensada para uma existência mais completa. As interações via tecnologia se tornam necessárias em quase todas as esferas do corpo social, necessidade tal que gera uma existência fabricada pelo próprio indivíduo para corresponder aos desejos de existência desse corpo.

A existência virtual atua como proposta estética. Esse corpo virtual coabita diversos lugares, possibilidade que o corpo físico não alcança, assim como assume formas e veste signos a partir da autofabricação que o corpo biológico não consegue.

O trabalho apresenta como metodologia a revisão bibliográfica de artigos e escritos pertinentes ao tema, estruturando-os de maneira analítica acerca da existência e dos desdobramentos do gênero no corpo ciborgue da artista venezuelana Arca.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A revisão bibliográfica serve como referencial e auxílio na elaboração e no embasamento dos questionamentos científicos. Por meio de publicações e trabalhos de autores sobre temas específicos, é dado o caminho para a discussão e a resolução de problemas (SANTOS e CANDELORO, 2006). Este método permite uma visão geral sobre o assunto, assim como um histórico sobre dados e abordagens já efetuados acerca do tema e suas conclusões.

Logo, o trabalho foi conduzido de acordo com as informações acessadas na revisão bibliográfica pertinente ao tema “O corpo vestido no ciborgue: A fuga da categoria de gênero na obra de Arca”. A leitura do material selecionado possibilitou a

construção do trabalho, assim como ampliou os questionamentos e os pontos levantados.

DESENVOLVIMENTO

Alejandra Gherzi (Caracas, 14 de outubro de 1989), mais conhecida como Arca, é uma cantora, compositora, produtora e DJ venezuelana com base em Barcelona, que inicia sua atuação no ano de 2012;

Apesar de a música ser o maior campo de sua carreira, sua performance estética se destaca e passa a ser também caracterizada como estilo de vida, com o robótico e o ciborgue como marcadores muito presentes. A representação por performances imagéticas se dá pelas construções de significados com seus corpos, intervindo no espaço físico e virtual.

Grande parte das atividades relacionadas ao corpo vestido e à estética da artista são realizadas no espaço virtual. As redes sociais, como Instagram, e seus clipes nas plataformas de vídeo, como YouTube, são os maiores locais de atuação da Arca, seja pela proporção do impacto na internet, uma vez que não existem mais barreiras físicas limitantes, seja pela maleabilidade maior da imagem, o que amplia a atuação e atende aos propósitos desejados pela artista.

IMAGEM 01 - Arca em Nombinary



Fonte: Instagram.com. Acessado em 01 de dezembro de 2021.

O propósito colocado por esse corpo ciborgue, por conseguinte, é questionar e gerar discussões acerca de conceitos como gênero, colonização, sexualidade, raça, sustentabilidade e desenvolvimento tecnológico além da própria concepção de humanidade.

O ciborgue atravessa os limites entre o biológico e o virtual, sendo sua existência o desdobramento da existência humana no pós-moderno. Enquanto representação estética ciborgue, o corpo vestido não é acometido pelos limites biológicos ou sociais da existência física, ele é alterável de acordo com a existência desejada, implicando um processo de autofabricação.

As máquinas são apropriadas em todos os processos de subjetivação do corpo pós-humano, há uma bricolagem entre os aparelhos biológicos e os mecânicos. A identidade é pautada nessa simbiose e depende da coexistência em ambos os sistemas.

Assim como disse a semioticista Lucia Santaella:

“Ao transgredir as fronteiras entre o natural e o artificial, esse ciborg coloca em questão o dualismo entre o orgânico e o inorgânico, evidenciando que não há mais natureza, nem corpo no sentido iluminista dos termos.” (Santaella, 2005: 187)

O corpo ocupa ambos os espaços e, nesse processo, passa a depender de ambos, perdendo o vínculo totalmente natural e rompendo com o ideal antropocêntrico de representação humana.

Esse mesmo corpo é todo projetado na busca pela subjetivação do ciborgue, assim como para Vieira Novaes:

“O corpo é espacializado e interpelado pelas forças do espetáculo num jogo dialético de mostrar aberrações, anomalias, cortes, feridas, reentrâncias e vísceras.” (Vieira in Novaes, 2003: 336)

O corpo ciborgue é passível de alterações, de uma visão e de uma mudança que naturalmente não ocupam o lugar do natural. A tecnologia como parte de si, modificando corpos físicos, cria representações virtuais e expressa sensações.

A artista apresenta, em suas performances, aparências estéticas singulares desenvolvidas a partir de seus conhecimentos em arte, moda e tecnologias, direcionando o questionamento para construções hegemônicas como gênero, classe e raça.

Atribuímos, assim, à estética artística da venezuelana um aspecto de distanciamento e subversão dos signos normativos de subjetivação.

A existência ciborgue traz um caráter disruptivo à estética e à aparência, o que parte do distanciamento de uma dualidade hegemônica nos signos da categoria gênero. Arca se utiliza da moda como subjetivação de androginia, subvertendo a categoria binária de gênero a partir do corpo vestido.

A androginia é extremamente marcada no corpo vestido apresentado socialmente pela artista, a mescla entre símbolos femininos e masculinos é bem recorrente. Ela não se limita aos elementos que invocariam o seu gênero: o corpo vestido é marcado pela subversão dos signos de gênero. Por diversas vezes, a artista se utiliza de aparelhos vestíveis que sobrepõem os tecidos mamários, uma vez que os seios desenvolvidos são socialmente significados como femininos, invocando significantes para uma imagem andrógina. Da mesma forma, ela brinca com o exorbitante dos seios, aparecendo com mais pares de seios, provocando as possibilidades que o ciborgue proporciona.

Ainda dentro do espectro da imagem andrógina, a artista diversas vezes apresenta corpos com um aspecto nu, em que seus órgãos genitais são apagados digitalmente, numa simbolização de subversão do sexo atribuído ao nascer, se despindo também de leituras sociais de gênero que partem de viés biologicistas genitalistas.

Arca apresenta, na sua estética artística, uma gama de tecnologias têxteis e vestíveis. Uma vez que o coletivo se apresenta como arte e moda, é importante olhar para esse aspecto que está intrínseco à subjetivação de símbolos que são pretendidos invocar.

IMAGEM 02 - Arca para Paper Magazine



Fonte: Instagram.com. Acessado em 01 de dezembro de 2021.

Para Entwistle (2000), é interessante observar o corpo vestido como pertencente às dinâmicas sociais, entendendo como a moda subjetiva os indivíduos e narra suas existências. Regidos pelos significados atribuídos pelas tecnologias hegemônicas, os têxteis vestíveis são constituintes de todo significante desejado pela performance estética.

Os têxteis utilizados tendem a não ser muito usuais nem ter origens nobres, com destaque para: vinil, couro sintético, tule, silicone e pelúcia. A escolha de tecidos, em maioria sintéticos, remete a um aspecto estético industrial, ligado à tecnologia e à robotização da produção têxtil. Apesar do emprego de têxteis não usuais, as roupas raramente cobrem uma grande parte do corpo, a pele à mostra é uma característica bem frequente para a artista.

O apelo a essa estética industrializada, fruto da tecnologia e da ascensão das máquinas, agrega-se na proposta pós-humanista. Uma vez que a subjetivação do seu corpo vestido é dada pelo sintético, sua leitura social é feita pelos significantes invocados pelos signos vestidos, que são mecânicos e tecnológicos.

Entre as formas e as modelagens utilizadas, chamam atenção diversas peças que podem ser consideradas complexas e exageradas, criadas para dar volume, definir

silhuetas e moldar corpos ciborgues. Essas modelagens exageradas são postas para contrastar e modificar a estrutura corporal e a silhueta comum.

Essas distorções de silhuetas e de corpo estão diretamente associadas à quebra do mimetismo biológico da imagem, rompendo com os aspectos estéticos de beleza, construídos desde o Iluminismo como o ideal de semelhança ao homem hegemônico padrão.

Os acessórios, por inúmeras vezes, são protagonistas da imagem, dentre eles: sapatos e luvas feitos sob medida, colares, headpieces, acessórios diversos. Todos não são usuais, tendo os metais e os silicones como bem frequentes entre os acessórios.

É importante mencionar que a artista se utiliza de criações autorais e desenvolve tudo de maneira autêntica, para conferir à performance estética o valor de significação desejado.

A maquiagem e a expressão são um detalhe que chama atenção no coletivo, e a identidade visual estética é bem marcante. O apagamento de sobrancelhas, cílios, linhas de expressão, delineado labial e estrutura capilar é uma das assinaturas do movimento estético que a artista pertence, assim como os olhos sempre preenchidos por lentes com uma única cor. Esses aspectos têm uma função estética de distanciamento da expressividade e da normalidade humana.

A maquiagem artística exerce o trabalho de subjetivar o mítico e o não humano no corpo da artista, afastando-a de uma aparência socialmente aceita e lida como humana. A artista é constantemente associada a seres extraterrestres e aliens graças a sua maquiagem distante do homem biológico comum.

Além do apagamento dos acessórios de expressão, a maquiagem apresentada na estética pós-humana proposta conta com desenhos de veias saltadas, extensões de olhos, além da incorporação de símbolos análogos a tecnologia e radiação. O frequente uso de próteses e extensões corporais são característicos, mostrando o corpo humano distorcido, a junção do orgânico com o inorgânico. A aparência do grotesco é alcançada partindo dessas modificações.

A estética robótica é centralizada em todas as suas produções, máquinas cujos fios estão à mostra e que são acopladas ao corpo da artista. Por várias vezes,

dispositivos tecnológicos compõem esse corpo vestido, deixando evidente que a máquina é o complemento da existência da artista.

IMAGEM 03 - Arca em Kick I



Fonte: Instagram.com. Acessado em 01 de dezembro de 2021.

O design não é gerado da mesma maneira enquanto desenvolvimento, uma vez que o pensamento do produto se dá a partir do corpo e de suas necessidades. Novos corpos físicos e virtuais geram novas necessidades de produto.

Agora, a antropometria é mensurada pensando em corpos pós-humanos. Logo, há a perda do sentido do homem universal de Leonardo Da Vinci, uma vez que o corpo e o homem são distorcidos de uma normatividade pré-estabelecida pensando em corpos hegemônicos e totalmente orgânicos.

O corpo virtual é o resultado dos diversos avanços da tecnologia. A existência artificial do ser humano e a decomposição da realidade humana são causas da pós-humanidade. Toda a criação de existência da Arca é pensada para esse corpo virtual, fabricado para ocupar sobretudo o lugar de imagem nas redes sociais e deter, assim, o caráter pós-humano, fabricado de acordo com seus desejos ciborgues.

As fabricações e as alterações corporais feitas no espaço virtual conseguem projeção para o físico, e a artista trabalha a existência dessa subjetividade por meio do

design e da moda. O corpo virtual fabricado é projetado em todas as outras esferas do sujeito, impregnando sua existência.

É apresentada, portanto, a estética como subjetivação da percepção do corpo e da existência como ciborgue. Por meio do design e das mídias, ela subverte significantes de uma norma de gênero e de existência, recorrendo ao feio e ao grotesco pós-humano.

A artista Venezuelana aborda, em sua estética, representações do pós-humanismo como produto do homem já digerido, o biológico ultrapassado, o corpo robótico como ampliação das habilidades e das possibilidades para um corpo ampliado. Uma vez que o ciborgue é póstumo à existência humana, ela pretende, por meio da arte moda, propor a subversão de significantes de corpo, gênero e de existência.

IMAGEM 02 - Arca em @@@@



Fonte: Instagram.com. Acessado em 01 de dezembro de 2021.

Arca, enquanto corpo vestido, físico e virtual, rompe as barreiras entre o artificial e o real. As diversas agregações partindo de uma existência ciborgue são utilizadas para subjetivar suas propostas.

A provocação gerada pela artista é dada quando ela propõe novas narrativas apresentadas a partir de seu corpo vestido, subjetivando uma estética artística que nega o padrão hegemônico pré-estabelecido. O ciborgue é a corporificação da quarta ferida narcísica e o significante do declínio do homem antropocêntrico, não é comprometido com os acordos binários de gênero nem com as demais proposições hegemônicas impostas socialmente, transita entre as fronteiras e rompe com a binaridade entre significado e significante que o corpo biológico fixa.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos conhecimentos acerca do corpo vestido como tecnologia de gênero, para um corpo biológico e também para um corpo ciborgue, é possível compreender os processos que a artista venezuelana Arca desempenha para subverter a categoria de gênero enquanto corpo ciborgue.

A artista estudada apresenta, portanto, a estética como subjetivação da percepção do corpo e da existência enquanto ciborgue. Por meio do design e das mídias, ela subverte significantes de uma norma de gênero e daquilo que é natural e humano, recorrendo ao grotesco e ao robótico.

Isso ocorre por meio de estéticas do pós-humanismo, pensado como produto do homem puramente biológico já superado, uma vez que, sendo póstumo à existência humana, o ciborgue a completa e otimiza.

REFERÊNCIAS

AIRES, A. B; SOUZA J. **CIBORGUES INVADEM A MODA: CORPO, GÊNERO E MEDICINA**. Anais 14 Colóquio de moda. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 00. Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CALEFATO, Patrizia. **The clothed body**. Tradução em inglês: Lisa Adams. Ed. New York: Berg, 2004.

CONCEIÇÃO, Gabriel P. **Desconstruindo o binarismo de gênero: estudos de casos de marcas de moda nos discursos contemporâneos**. 2019. Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

ENTWISTLE, Joanne. **The Fashioned Body: Dress and Modern Social Theory**. 01. Ed. New York: Polity, 2000.

HARAWAY, D. and J. Schneider ‘**Conversations with Donna Haraway**’, in J. Schneider, *Donna Haraway: Live Theory*. London and New York: Continuum. 2005.

HARAWAY, D. *The Companion Species Manifesto*. Chicago: Prickly Paradigm Press. 2003.

LOTUFO, Flávio. **Androginia - moda masculina “bebe na fonte” da feminina: Qual o motivo?** *O Arauto*, Salto, abril 2011. Contra Cultura

MAUS, Stephan. **Necessidades e desejos de um corpo andrógino, um olhar no vestuário de moda**. 2017. Dissertação de Mestrado – Escola de Artes, ciências e humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1. Ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2015.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Imagem: cognição e semiótica e mídia**. SP: Iluminuras. 2005

SANTOS V.; CANDELORO R. J. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas.** Editora AGE Ltda, Porto Alegre. 2006

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu – A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TOMAZ, Tadeu. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.